

9º seminário docomomo brasil
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente
brasilía . junho de 2011 . www.docomomobsb.org

**O habitar moderno nos anos 1970:
análise sintática de residências unifamiliares em João
Pessoa**

Maryá de Sousa ALDRIGUE*

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU / UFRN)

Rua Marieta Steimbach Silva, 190, Miramar, CEP 58043-320, João Pessoa - PB
maryaldrigues@yahoo.com.br

Resumo

Partindo da premissa que os padrões sociais estão impressos na estrutura espacial residencial, o artigo apresenta uma análise com base na Teoria da Lógica Social do Espaço, fundamentada por Hillier e Hanson (1984), de três residências agrupadas em categorias definidas por Araújo (2010) para as residências dos anos 1970 construídas em João Pessoa (PB). O intuito é averiguar, através da aplicação dos instrumentos analíticos específicos da Sintaxe Espacial, se há relação entre categorias definidas por atributos formais e técnicos, e estruturas espaciais.

Palavras-Chave: Arquitetura moderna. Arquitetura residencial. Anos 1970. Sintaxe espacial.

Abstract

Assuming that social patterns are printed on the residential spatial structure, the article presents an analysis based on the Theory of the Social Logic of Space, substantiated by Hillier and Hanson (1984) of three homes grouped in categories, defined by Araújo (2010) for homes built in the 1970s in João Pessoa (PB). The aim is to determine, through the application of specific Space Syntax analytical instruments, if there is a relationship between categories defined by formal and technical attributes, and spatial structures.

Key-Words: Modern architecture. Residential architecture. 1970s. Space syntax.

1. Introdução

O objeto arquitetônico pode ser compreendido e analisado sob dois aspectos. Como invólucro, a caixa mural, onde os elementos compositivos determinam seu aspecto formal, ou como um sistema estrutural onde o arranjo espacial das partes e a relação entre elas, definem o todo. Nosso interesse está no segundo aspecto, abordado sob dois vieses: compreensão da lógica estruturadora da forma, aqui entendida como configuração espacial, e, modo como ocupamos esse espaço, nesse caso, como vivemos.

Partindo dessa premissa, a proposta deste artigo é desenvolver uma análise da organização espacial de residências construídas nos anos 1970 em João Pessoa, à luz da **Teoria da Lógica Social do Espaço** desenvolvida por Hillier e Hanson (1984). Essas residências foram originalmente classificadas por Araújo (2010) em categorias que privilegiam seus atributos formais e técnicos. Neste estudo se quer verificar, através da análise comparativa de três exemplares representativos dessa produção, se esses atributos correspondem a categorias espaciais definidas pela estrutura.

Nesse contexto, estrutura é conceituada como “*disposição e ordem das partes de um todo*” (FERREIRA, 1987). A forma como esses elementos ou partes se inter-relacionam define a natureza do todo, e, portanto, se uma dessas partes for alterada a relação do todo se modifica, como um sistema. A estrutura, portanto, não é inerte, está associada ao contexto que a envolve, definindo as estruturas sociais como ‘produto da realidade’ (HILLIER, HANSON, 1984).

A sintaxe espacial entra como campo de investigação que balizou a análise da lógica estruturadora da forma dos objetos arquitetônicos. Seus autores defendem que como objetos sociais, os edifícios são uma fonte de informação sobre as sociedades que os criaram. Assim, o modo como os espaços relacionam-se entre si, enquanto estrutura de barreiras e permeabilidades, reflete padrões sociais definidos. A forma então, além de influenciar o modo de utilização do espaço através dos elementos materiais que ordenam movimentos, contém em si processos histórico-sociais.

Buscou-se investigar as propriedades espaciais pelas quais o repertório de arquitetura moderna se dissemina através da arquitetura residencial. Nesse sentido, a pergunta-chave que norteou a discussão foi: essa taxonomia definida por padrões estético-formais e técnicos reflete algum significado se analisada sob o viés da organização espacial das residências?

2. Compreendendo o contexto

Por se tratar de tema recorrente na historiografia da arquitetura moderna, o panorama histórico-arquitetônico nacional é tratado por diversos autores desde o início da internacionalmente destacada produção dos anos 1940-1960, relacionando-a ao contexto internacional ou enfocando a produção nacional com destaque ao eixo Rio-São Paulo. A

produção nordestina era tratada apenas de forma pontual, apresentando geralmente, o êxito pernambucano e seus expoentes. A situação começa a se modificar a partir de finais dos anos 1980 quando pesquisas desenvolvidas pelos programas de pós-graduação, incentivadas pela própria atuação do DOCOMOMO, começam preencher essa lacuna tratando da produção moderna em outros centros urbanos, inclusive no Norte e Nordeste brasileiro cuja produção desenvolveu caráter específico e destacada qualidade, em busca da compreensão de um panorama mais amplo do processo de difusão.

Na Paraíba os estudos acerca da arquitetura moderna englobam principalmente, as cidades de João Pessoa e Campina Grande nos anos 1950-1960, e buscam a salvaguarda desse patrimônio, mediante os óbitos e descaracterizações eminentes. A difusão das experiências do habitar moderno é recentemente discutida por pesquisas¹ cujo foco está geralmente vinculado a três aspectos principais: (1) identificação dos edifícios e seus autores e agentes promotores; (2) compreensão do contexto em que a produção estudada se desenvolve sob as especificidades locais inseridas no contexto nacional; (3) análise em relação à caracterização formal dos edifícios.

Atualmente, existem diversos estudos que investigam a configuração espacial com bases na Teoria da Lógica Social do Espaço². Essas pesquisas envolvem os aspectos urbanos e arquitetônicos em que o tema residencial tem destacado interesse. Entretanto, o assunto ainda é pouco abordado no contexto de João Pessoa, de modo que acreditamos que estudos sob essa perspectiva podem propor novos caminhos de pesquisa e ampliar a compreensão do cenário arquitetônico local.

3. A sintaxe espacial na análise arquitetônica

3.1. Aspectos teóricos

Segundo a teoria de Hillier e Hanson (1984), a forma contém em si os processos que a define, de modo que as práticas sociais estão impressas na estrutura espacial. Partindo da premissa que espaço e sociedade são indissociáveis, a sintaxe se insere como disciplina que investiga as propriedades estruturantes do ambiente construído e suas implicações sociais a partir das relações humanas. Nosso interesse, portanto, vai além da análise baseada nas qualidades arquitetônicas decorrentes da técnica construtiva e da intenção plástica. Nesse sentido, o espaço interno, cenário da vida cotidiana de

¹ Incentivados pelos estudos do Laboratório de Pesquisas Projeto e Memória (LPPM) sob coordenação da professora Dra. Nelci Tinem, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (PPGAU/UFPB).

² No Brasil, esses estudos estão mais concentrados em centros que detêm grupos de pesquisa nas universidades federais - UnB (Brasília), UFRGS (Porto Alegre), UFPE (Recife) e UFRN (Natal).

encontros e desencontros impressos na estrutura de permeabilidades e barreiras, é o objeto desta pesquisa.

Diferentes padrões sociais requerem diferentes arranjos físico-espaciais. O espaço responde aos condicionantes socialmente estabelecidos que podem ser ‘lidos’ através de instrumentos analíticos específicos. A comparação entre edifícios com base nos procedimentos de análise sintática permite compreender como os espaços relacionam-se entre si e como se comporta sua estrutura espacial. Esse processo de decomposição do todo permite analisar as partes separadamente e a relação entre elas. Assim, o foco é compreender as **propriedades do sistema espacial** mais do que as propriedades individuais dos espaços componentes.

3.2. Aspectos metodológicos

Seguindo tendências internacionais que desde os anos 1950 já ensaiavam críticas à arquitetura moderna, no Brasil a retomada da democracia possibilitou no início da década de 1980 o retorno das discussões arquitetônicas. Esse processo de críticas e questionamentos acerca da produção dos anos posteriores a Brasília, encaminhou-se em busca de uma renovada linguagem que se manifestou a partir dos anos 1970, como continuidade, e a partir dos anos 1980, como oposição. De um lado os discursos que a valorizavam como herdeira legítima da produção dos anos 1940-1960, e de outro, os que afirmavam a existência de uma crise na arquitetura brasileira, através da proliferação de uma produção moderna formalista padronizada. Esse cenário é atualmente descrito por alguns pesquisadores como um período de “*pluralismo de expressões arquitetônicas, fruto de diversos caminhos de pesquisa e indagação*” (BASTOS, 2007).

Esse pluralismo também caracteriza a experiência moderna de João Pessoa nos anos 1970. Após a análise dessa produção³, Araújo (2010) identificou três categorias associadas à arquitetura residencial unifamiliar: (1) Legado moderno brasileiro, associado ao vocabulário da produção anterior a 1960; (2) Arquitetura paulista, experiências ligadas ao vocabulário dos arquitetos modernos paulistas; (3) Experiências de racionalização e pré-fabricação, realizadas a partir da arquitetura pré-fabricada, visando à economia em uma tentativa de ampliar o campo de atuação da arquitetura. Essas vertentes agrupam 86 projetos (74,13%) do total de 116 analisados. O restante (25,87%) pertence ao grupo denominado ‘residências híbridas’ “*que apesar de se apoiarem em recursos modernos abundantemente difundidos atendem à moda vigente,*

³ Araújo (2010) levantou, durante pesquisa no Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa, 14.550 processos correspondentes ao período de 1975-1980. Dentre os quais, 217 projetos se encaixam nos critérios estabelecidos: tipo residencial unifamiliar, que comprovassem a data do projeto ou da construção nos anos 1970, que tivessem assinatura do profissional arquiteto e que mantivessem todas as pranchas e desenhos correspondentes íntegros, em condições de manuseio. Destes, 116 foram objeto de análise e integram suas categorias.

em muitos casos utilizando elementos de uma arquitetura equivocadamente chamada de neocolonial” (ARAÚJO, TINEM, COTRIM, 2010).

Neste estudo, serão analisadas as propriedades espaciais de três residências representativas de categorias distintas: duas pertencentes ao grupo denominado ‘legado moderno brasileiro’ (Residências Francisco Xavier, 1975, e Rubens Paes Barreto, 1977) e uma ‘residência híbrida’ (Residência Antonio Queiroga Lopes, 1976). Os critérios de seleção adotados foram de edifícios construídos em João Pessoa nos anos 1970 por arquitetos, que tivessem apenas pavimento térreo e área construída entre 250m² e 350m², características comumente associadas à moradia de famílias de classe média alta.

Os espaços foram analisados de acordo com sua acessibilidade, aqui entendida a partir das relações de conectividade e integração entre as unidades espaciais, ou seja, espaços mais conectados tendem a ser mais acessíveis. Essa rede de conexões espaciais estruturada pode ser representada e quantificada pelos procedimentos analíticos específicos propostos pela sintaxe espacial. Os valores de integração ou *Real Relative Assymetry* (RRA) medem o potencial de acessibilidade de um espaço em relação a todos os demais espaços de um sistema (HILLIER; HANSON, 1984), onde valores mais distantes e maiores que 1,00 (medida de referência) representam ambientes mais segregados e valores mais próximos e menores que 1,00 ambientes mais integrados.

Essa ideia de percurso (passos na distância topológica) de um ponto de partida (origem) a um ponto de chegada (destino) através de espaços intermediários permeáveis, e as relações de influência e controle de cada espaço sobre seus adjacentes dentro do sistema, podem ser representadas pelo grafo, através da configuração de seus elementos (nós e vértices) (fig.1). Amorim (2008) define o instrumento de maneira bastante simples:

O grafo é desenhado a partir da representação de cada espaço como um nó (círculo), e a conexão entre eles, por uma linha. Nessa representação preliminar, pode ser percebido como os diversos espaços da casa estão diferentemente relacionados entre si: alguns são acessíveis apenas por uma porta, outros são francamente abertos para a comunicação com os seus vizinhos.

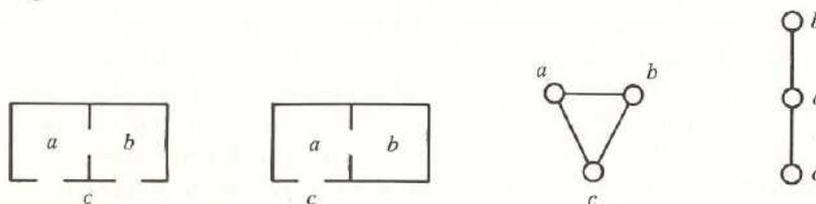


Fig.1: Relação entre estrutura espacial (grafos de acesso) e grafos justificados a partir do exterior (c). (HANSON, 1998).

Os mapas convexos foram empregados como procedimentos que permitem análises comparativas diretas entre as propriedades espaciais dos objetos. Estes, por sua vez, geram grafos justificados (construídos com auxílio do aplicativo JASS⁴) a partir de qualquer nó do sistema, que demonstram o arranjo espacial representando as relações internas de continuidade, conectividade, integração e profundidade contidas na organização espacial (fig.2).



Fig.2: Exemplo de planta, mapa convexo e grafo justificado. (MONTEIRO, 1997).

Neste estudo os mapas convexos geraram dois tipos de grafos. O primeiro, justificado a partir do exterior, representa o sistema completo (viver mínimo e exterior) e delimita os setores funcionais residenciais, diferenciados por cores, ampliando o poder de análise a partir da relação dos espaços com sua função⁵. O segundo grafo leva em consideração apenas os espaços internos (viver mínimo), demonstrando as propriedades da estrutura a partir do funcionamento interno.

4. Legado moderno brasileiro x Residências ‘híbridas’

4.1. Residência Francisco Xavier (1975)

Situada em um lote de esquina (750m²) a residência possui 326m² de área construída dividida em dois blocos que delimitam os setores funcionais, interligados por uma rampa. O acesso à residência acontece no nível mais baixo, sob o bloco reservado ao setor íntimo (fig.3).

⁴ JASS. Elaborado por BERGSTEN, L. et al. v1.0, 21 maio 2003, GNU-General Public License.

⁵ Setor social, espaço de convívio comum, onde ocorre o contato direto da família com os visitantes; setor íntimo, onde geralmente apenas membros da família têm acesso, agrupando espaços destinados à realização de atividades mais privadas; área externa, espaços externos aos limites da residência mas internos ao lote, onde se realizam atividades de lazer; setor de serviço, engloba os espaços de domínio predominante dos empregados, onde são realizadas as atividades diárias do serviço doméstico.

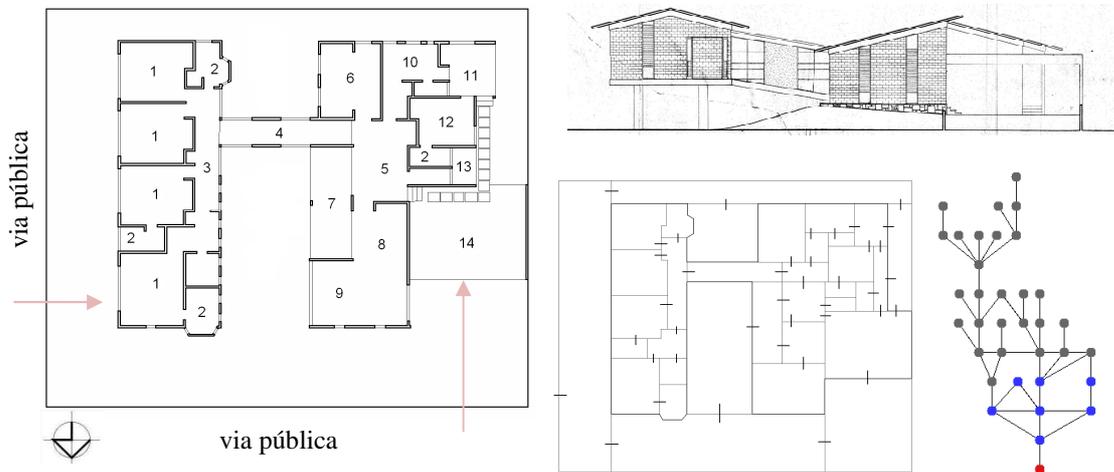


Fig.3: Residência Francisco Xavier. Planta baixa, fachada Norte, mapa convexo e grafo justificado. (1) Quartos; (2) WCB; (3) Corredor; (4) Rampa; (5) Almoço; (6) Gabinete; (7) Terraço; (8) Jantar; (9) Estar; (10) Cozinha; (11) Serviço; (12) Quarto empregados; (13) Lavanderia; (14) Garagem. Legenda: espaços externos (azul) e espaços internos (cinza). (ARAÚJO, 2010. Desenhos em CAD da autora)

4.2. Residência Rubens Paes Barreto (1977)

Situada em um lote em L de esquina (744m²) a residência possui 265m² de área construída. Seguindo o formato do terreno a casa possui dois blocos que delimitam os setores funcionais, interligados pelo setor social (fig.4).

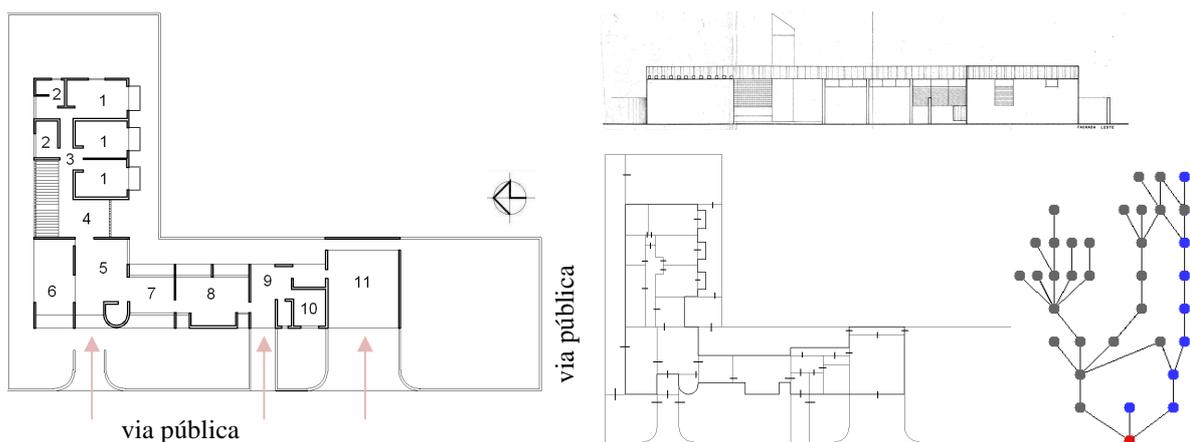


Fig.4: Residência Rubens Paes Barreto. Planta baixa, fachada Leste, mapa convexo e grafo justificado. (1) Quartos; (2) WCB; (3) Corredor; (4) Sala TV; (5) Estar; (6) Terraço; (7) Jantar; (8) Cozinha; (9) Serviço; (10) Quarto empregados; (11) Garagem. Legenda: espaços externos (azul) e espaços internos (cinza). (ARAÚJO, 2010. Desenhos em CAD da autora)

4.3. Residência Antonio Queiroga Lopes (1976)

A residência ocupa uma área construída de 312,45m² em um terreno de 2.400m². Apesar de projetada na mesma década dos projetos anteriores, a caixa mural é revestida de elementos plástico-formais que não fazem parte do conhecido vocabulário moderno - telhado em quatro ou duas águas, vergas com arcos abatidos, balcões em ferro fundido, ‘pinhas’ e ‘lampiões’ (ARAÚJO, 2010) (fig.5).

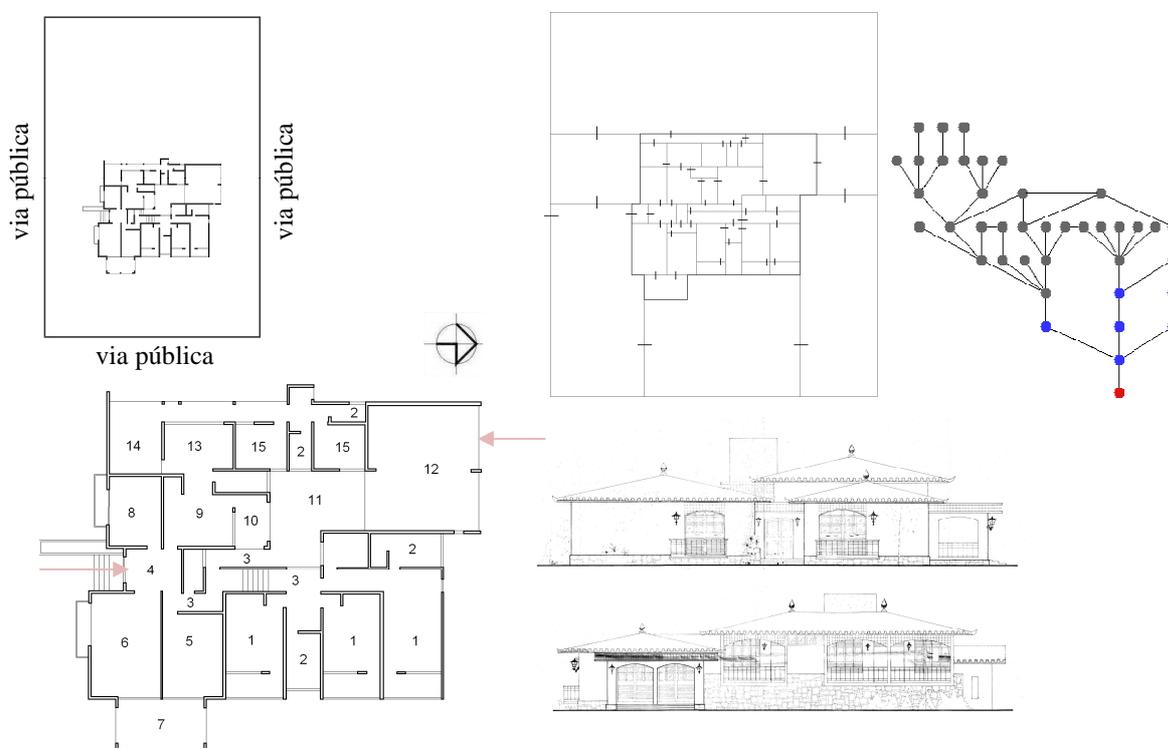


Fig.5: Residência Antonio Queiroga Lopes. Planta baixa, mapa convexo, grafo justificado e fachadas Sul e Norte. (1) Quartos; (2) WCB; (3) Corredor; (4) Hall; (5)Estar; (6) Jantar; (7) Terraço; (8) Gabinete; (9) Copa; (10) Terraço serviço; (11)Jardim; (12) Garagem; (13) Cozinha; (14) Serviço; (15) Quartos empregados. Legenda: espaços externos (azul) e espaços internos (cinza). (ARAÚJO, 2010. Desenhos em CAD da autora)

5. Análises

O discurso funcionalista moderno difundiu a ideia de que, no mesmo sentido das cidades, a casa precisa ‘funcionar adequadamente’. Seguindo essa lógica, os espaços residenciais são estruturados a partir da setorização e articulação entre setores

funcionais definidos (AMORIM, 2008). Essa relação de conexões e permeabilidade é expressa nos grafos das residências analisadas através de anéis que interligam os espaços, indicando possibilidades de movimento (fig.6).

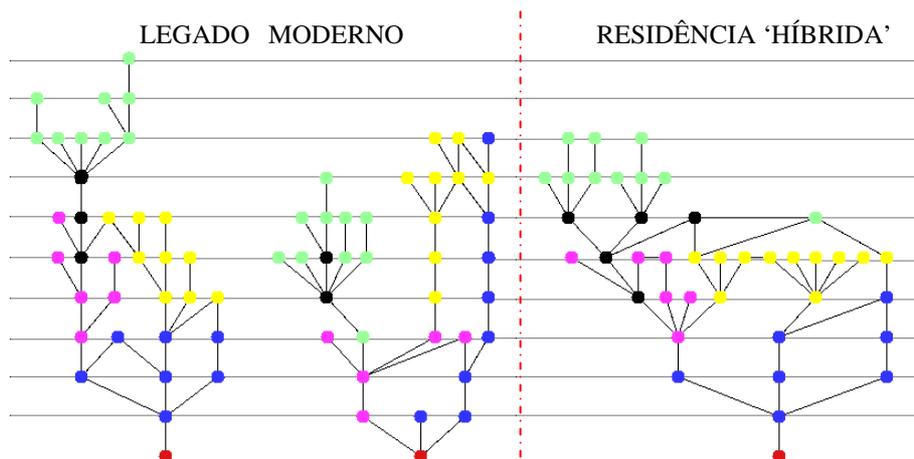


Fig.6: Grafos justificados (viver mínimo e exterior). Residências Francisco Xavier, Rubens P. Barreto e Antonio Q. Lopes. Legenda: espaço externo (azul); setor social (rosa); setor serviço (amarelo); circulação horizontal (preto); setor íntimo (verde); nó raiz (vermelho).

Existe uma forte relação de permeabilidade e conexões das áreas social e serviço com os espaços externos. As possibilidades de percurso interno-externo e interno-interno na relação *família-visitantes-empregados* parecem impor as regras sociais dominantes ao arranjo espacial das casas. Esses esquemas funcionais estabelecem a configuração espacial observada nas residências. O que se percebe é que essas práticas funcionalistas continuam nos anos 1970, estabelecendo as regras do arranjo espacial independente da intenção plástica da caixa mural.

As categorias sociais estão bem definidas em galhos distintos ora isolados ora conectados através da área externa. Os espaços sociais exercem a função de ligar os setores mais conflitantes da casa (íntimo e serviço), em um papel de setor de transição. É exatamente a relação de acessos, controle e (des)encontros entre patrão-empregado que irá marcar a conexão desses espaços. A comparação entre as residências demonstra que essa característica herdada do período patriarcal brasileiro apresenta resquícios nas casas modernas dos anos 1970 (AMORIM, 2008). A posição que ocupa a empregada doméstica na sociedade brasileira interfere no arranjo espacial das residências através da segregação do setor de serviço, especialmente de seu local de permanência

(dependência), muitas vezes situado fora dos perímetros da habitação. Esse setor apresenta maior número de conexões com áreas externas que internas⁶.

Essa relação de distanciamento com o interior pode ser justificada a partir do discurso da eficiência funcional, mas é evidente que a separação física entre os percursos revela uma intenção social que parece ser diretamente proporcional a renda familiar. Assim, a casa reproduz padrões sociais em que a posição social que ocupa a família impõe ao espaço doméstico uma complexidade de circulações na tentativa de distanciar fisicamente padrões e empregados.

A reclusão desejada da família e do indivíduo - que parece urgir na sociedade contemporânea⁷ - observada em diversos estudos sobre o tema, tem suas origens na casa moderna através do isolamento dos ambientes destinados ao convívio doméstico, mesmo em edifícios térreos, seja em blocos distintos ou em um setor separado do social por uma sequência de circulações horizontais. À medida que as atividades realizadas são mais íntimas, os espaços aparecem mais segregados em níveis mais profundos no grafo e sem conexões internas ou diretas com outros setores.

As linhas do gráfico (fig.7) apresentam uma oscilação semelhante entre os valores de integração (RRA) de ambientes-chave no arranjo espacial das três residências (fig.8). As exceções são a garagem (valor varia de 0,85 a 1,72) e o estar (variação de 0,96 a 1,63) que aparecem como espaços mais e menos integrados, apresentando os picos de variação observados nas linhas. Uma explicação possível para essa oscilação é a função desses ambientes dentro do organização de cada residência. Se na Francisco Xavier a garagem aparece integrada diretamente ao interior, fazendo conexões serviço-social, na residência Rubens Paes Barreto, o ambiente está isolado no grafo, situação inversa a da sala de estar.

Outro aspecto observado é a posição que ocupa o quarto de empregados e o quarto da suíte principal nas três residências. Esses espaços apresentam as maiores medidas de segregação de cada sistema, indicando o distancioamente padrões-empregados (em polaridades distintas da casa) e, que a premissa da individualidade se intensifica apontando contemporaneidade. A cozinha e a sala de jantar, enquanto espaços que desempenham papéis semelhantes, direcionar as rotas na estrutura espacial das casas, apresentam medidas de integração próximas a 1,00.

⁶ Nas duas residências pertencentes ao 'legado moderno brasileiro' 44% e 33% dos ambientes de serviço pertencem a um ou mais anéis, e na residência 'híbrida' essa número atinge 45%. Isso representa que as conexões entre o setor de serviço e o restante da residência acontecem de modo semelhante nos dois grupos.

⁷ Estudos recentes apontam que a privacidade individual tem seu auge na casa contemporânea onde o quarto (e sua multiplicidade de funções possibilitada pelos aparatos tecnológicos) é o espaço de expressividade máxima dessa premissa (AMORIM, 2008).

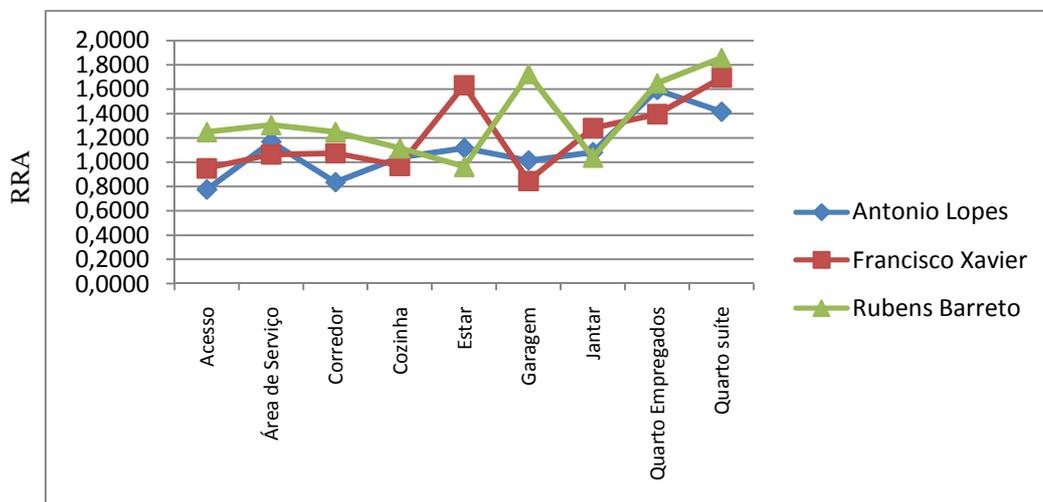


Fig.7: Relação valor de integração (RRA) e ambientes nas residências analisadas.

Valores RRA	Res. Francisco Xavier	Res. Rubens P. Barreto	Res. Antonio Q. Lopes
Máximo	2,0440 (WCB suíte)	2,2189 (Espaço externo)	1,7448 (Varanda suíte)
Médio	1,2509	1,5503	1,2007
Mínimo	0,8507 (Garagem)	0,9619 (Estar)	0,7745 (Hall/aceso)

Fig.8: Tabela com os valores de RRA de cada grafo (viver mínimo e exterior).

A eliminação dos espaços externos representou mudanças significativas nas conexões do sistema expressas na forma dos grafos (justificados a partir da entrada principal da casa) (fig.9). Percebe-se que a partir da mudança das partes componentes do sistema as relações entre eles se modificam alterando o todo. Os anéis desaparecem ou diminuem significativamente e os galhos se isolam em setores claramente definidos, representando a importância da integração exterior-interior para a arquitetura moderna e o controle de acessibilidade que determinados espaços exercem sobre a circulação interna (AMORIM, 2008).

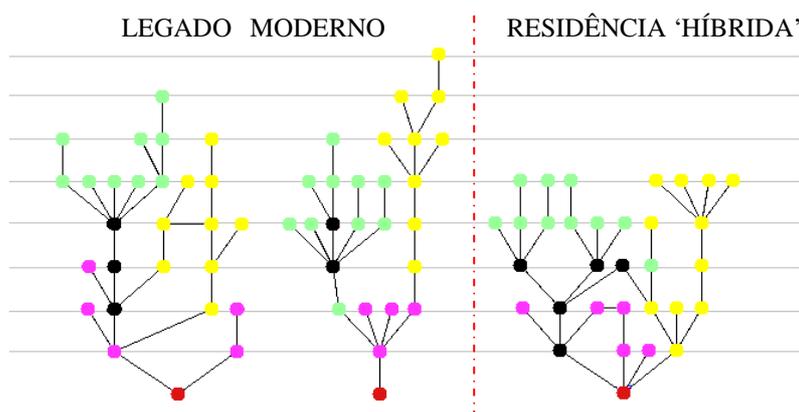


Fig.9: Grafos justificados (viver mínimo). Residências Francisco Xavier, Rubens P. Barreto e Antonio Q. Lopes. Legenda: setor social (rosa); setor serviço (amarelo); circulação horizontal (preto); setor íntimo (verde); nó raiz (vermelho).

No entanto, a mudança mais significativa está na função das circulações horizontais. Nesse nível, corredores ganham importância com espaços articuladores da lógica espacial interna. Além do aumento quantitativo, na residência 'híbrida' elas ganham destaque na estrutura espacial do sistema, como espaços que conectam os demais setores, não apenas situados na ligação social-íntimo como nos demais casos.

6. Considerações finais

A heterogeneidade da produção dos anos 1970 no Brasil aponta para uma série de experiências que, em relação ao invólucro arquitetônico, expõem de um lado o contínuo da linguagem moderna das décadas anteriores e, de outro, construções que indicavam uma tentativa de modificar esse vocabulário. Esse artigo propõe uma análise comparativa entre a organização espacial de três residências inseridas nesses dois contextos na cidade de João Pessoa.

Os resultados indicam que apesar da aparência externa distinta, as estratégias espaciais percebidas na estrutura e refletidas nas relações interpessoais se assemelham. A comparação entre as residências pertencente as categorias 'legado moderno brasileiro' e 'residências híbridas' não corresponde a uma mudança significativa no contexto da estrutura espacial, de modo que as relações encontradas entre invólucro e estrutura espacial não são intrínsecas. Nossa hipótese é que a posição sócio-econômica da família inserida na estrutura social interfere mais no arranjo que as intenções plásticas do arquiteto. A justificativa para a diversidade de experiências formais parece-nos estar mais relacionada ao 'gosto' pessoal do cliente, ou seja, o desejo do que para

ele representa uma *casa*, ou a um ‘modismo’ arquitetônico vigente na época, suposições que ainda precisam ser confirmadas.

Por se tratar de uma pequena seleção do universo residencial abordado, sabia-se desde o início (e nem era nossa intenção) que seria arriscado generalizar as informações aqui obtidas. No entanto, acredita-se que a ampliação desta e outras pesquisas com enfoque na abordagem sintática, podem possibilitar novas reflexões acerca da arquitetura moderna de João Pessoa.

7. Agradecimentos

A Edja Trigueiro, Ricardo Araújo e Nelci Tinem.

8. Referências

AMORIM, Luiz. **Casa**: espaços e narrativas. In: _____. A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2007.

_____. Flexibilidade espacial: entre o princípio e o mito. In: _____ (org.); GRIZ, Cristiana (org.) **Cidades**: Urbanismo, Patrimônio e Sociedade. Olinda: Livro Rápido, 2008.

ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. **Arquitetura residencial em João Pessoa-PB**: a experiência moderna nos anos 1970. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

_____; TINEM, Nelci; CUNHA, Márcio Cotrim. Arquitetura residencial moderna em João Pessoa nos anos 1970. **Vitruvius**, São Paulo, nov. 2010. Seção Arqtextos 126.03. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/11.126/3651>>. Acesso em: 06 dez. 2010.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília**: rumos da arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 4 ed. Tradução: Ana Maria Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CHAVES, Carolina. As experiências do habitar moderno em João Pessoa entre 1950/70. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE E NORDESTE, 3., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

FRANÇA, Franciney Carreiro de; HOLANDA, Frederico. Meu quarto, meu mundo: espaço doméstico na alvorada do terceiro milênio. In: HOLANDA, Frederico (org.). **Arquitetura e Urbanidade**. São Paulo: ProEditores, Associados, 2003.

HANSON, Julienne. **Decoding homes and houses**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LEMONS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**: a casa colonial, casas urbanas e rurais, a habitação burguesa. São Paulo: Contexto, 1989.

MONTEIRO, Circe. Activity Analysis in Houses of Recife, Brazil. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 1., 1997, London. **Proceedings...** London: Space Syntax Laboratory, 1997. Disponível em: <<http://www.spacesyntax.org/symposia/index.asp>>. Acesso em 05: out. 2010.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956 – 1974)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

XAVIER, Roberta. Casas da orla marítima de João Pessoa: um olhar sobre a arquitetura moderna (1960-1974). In: SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE E NORDESTE, 3., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010. 1 CD-ROM.